

HOMENAGEM





“Si monumentum requiris circumspice” – se queres o monumento olha em torno. Embora a frase tenha sido criada com sentido irônico, ela cabe perfeitamente também se associada seriamente à homenagem prestada a pessoas essenciais e suas obras; o UniBrasil optou por nomear espaços importantes de seu campus em preito a elas, monumentos vivos que nos rodeiam. A memória dessas pessoas não pode se perder, deve permanecer como exemplo e lembrança do que realizaram e de quem foram.

Jeorling Cordeiro Clève – memória de um grande paranaense

O auditório do Bloco VI do UniBrasil, palco de grandes eventos, formaturas, palestras com personalidades brasileiras e internacionais representativas do melhor no pensamento em várias áreas, foi denominado Desembargador Cordeiro Clève ainda durante a vida do intelectual, paranista, historiador, escritor, desembargador e excelente ser humano Jeorling Cordeiro Clève. Seu falecimento deixa lacunas insanáveis na sua família e nos que o queriam bem, deixa também um espaço em branco no estudo e na pesquisa da história do Paraná, seu conhecimento jurídico e integridade eram parte essencial da magistratura de nosso estado.

AUTORA

Wanda Camargo - assessora da presidência do Complexo de Ensino Superior do Brasil, coordenadora de projetos culturais.

A morte nos empobrece, seja a de artistas ou intelectuais que deixam vazios no mundo das ideias e da arte; a sempre dolorosa perda de amigos ou parentes próximos, a de estranhos que sequer conhecemos mas com quem partilhamos a condição humana.

A perda de uma pessoa sempre envolve dimensões existenciais, subjetivas e espirituais, e a perda de seres humanos como o doutor Jeorling conduz à reflexão, e não necessariamente à tristeza ou a uma atitude negacionista, tendo sido ele pessoa atenta ao mundo e voltado ao conhecimento.

Todas as formas de comunicação, verbal ou não-verbal, são essenciais nos rituais de despedida, para aceitar a realidade da perda, experienciar e processar a dor e a concretude da ausência.

Ao tempo que todos perdemos com sua falta, nos consolamos um pouco com sua obra generosa e importante; ele não será esquecido.

Bastava sentar-se ao seu lado e puxar assunto, que a história viva do Paraná se desenrolava à nossa frente; seu entendimento profundo da colonização do centro do estado felizmente foi registrado em livros, assim como seu amor pela cidade de Pitanga e muitas outras que o acolheram jovem que iniciava um vida profissional honesta, digna e produtiva.

Uma de suas filhas, em ponderação nas redes sociais, contou o quanto ele a confortava em suas dores, em suas dúvidas, em seus sofrimentos, pois dele vinha a palavra amiga, o gesto carinhoso, e o pedido de paciência para o tempo que precisaria passar. E de tempo Jeorling entendia, viveu muito, viveu bem, orgulhava-se de filhos e netos, chegou a ver o bisneto.

Seus filhos todos orgulhavam-se dele, pai amoroso e presente; foi exemplo de vida e de carreira. Compartilhava saberes e gentilezas, e atendia carinhosamente todas as demandas que chegavam; solicitado a discorrer sobre o povoamento da região central do Paraná, com destaque para as cidades de Guarapuava e Pitanga, o doutor Jeorling veio ao UniBrasil no final de setembro de 2016, dentro do projeto de gravação de depoimentos dos protagonistas da cultura, economia, política e educação em nosso estado, para falar sobre o tema de dois de seus livros sobre o centro do Paraná. Ele abordou fatos essenciais na formação daquela região, apresentados de forma coloquial, porém com o devido rigor científico. Também falou de sua participação como personagem, como o caso do “Grilo do Tigre”, episódio ocorrido nos anos 1950, em Pitanga, quando um poderoso grupo econômico apresentou títulos imperiais forjados que atestavam a propriedade de uma área de 85 mil alqueires na região, dando início à demarcação de terras já ocupadas por colonos portadores de títulos legais, emitidos pelo governo do Paraná. O escritório, no qual o então advogado Jeorling era sócio, defendeu algumas das vítimas, obtendo vitória expressiva.

Jeorling J. Cordeiro Clève nasceu em Guarapuava, onde realizou seus primeiros estudos; formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1957, e fixou-se, após a formatura, em Pitanga, cidade que o homenageou com o título de Cidadão Honorário, e onde foi advogado, promotor público interino e professor. Lá também foi um dos responsáveis pela instalação e funcionamento do ginásio estadual durante a década de sessenta do século passado. Em 1966, mediante concurso público, ingressou na magistratura. Foi juiz substituto em Foz do Iguaçu, União da Vitória e Pato Branco. Como juiz de Direito, exerceu suas atividades profissionais em Piraí do Sul, Ivaiporã e Guarapuava. Promovido para a

capital, foi titular das 3ª e 11ª Varas Cíveis. Ascendeu ao Tribunal de Alçada e, mais tarde, ao Tribunal de Justiça, como desembargador, atuando sempre na área cível. Foi professor de Direito Processual Civil, na Escola Superior de Magistratura do Paraná. Foi Cidadão Benemérito de Guarapuava, tendo recebido também voto de louvor concedido pela Câmara Municipal de Curitiba. Seu nome batiza o Núcleo de Práticas Jurídicas do curso de Direito do UniBrasil Centro Universitário, e o Centro Acadêmico do curso de Direito das Faculdades Campo Real, de Guarapuava. Também fez parte do Centro de Letras do Paraná e foi membro benemérito da Academia de Artes, Ciências e Letras de Guarapuava. Foi eleito, em 26 de agosto de 2010, e recebido na Academia Paranaense de Letras por René Dotti, em 22 de fevereiro de 2011.

Aposentado, dedicou-se à pesquisa histórica, com foco na conquista e saga do terceiro planalto paranaense, tendo publicado vários livros de grande importância para a memória paranaense e para os estudiosos de sua história.

Algumas de suas obras:

- Antônio de Sá Camargo: Visconde de Guarapuava. (2007)
- Pensamentos de todos os tempos – Lições de Sabedoria. Vols. 1 (2007), 2 (2008), 3 (2009).
- Antologia – Pensamentos, textos e frases famosas. (2016)
- Memória de Pitanga. (2016)
- Povoamento de Guarapuava – Cronologia Histórica. (2016)
- Cel. Luiz Daniel Clève – Memória Histórica. (2016)
- Frases e Pensamentos: temas para reflexão (2019)

Com certeza o Brasil perdeu uma das personalidades mais respeitadas da área jurídica, escritor refinado, um desbravador e referência para todos que desejam conhecer o Paraná, sua gente e seus costumes. Foi, acima de tudo, uma pessoa acolhedora, um grande pai e avô, que fará falta em toda a comunidade paranaense, mas será sempre lembrado como modelo de ética e perfeito exercício profissional. Dedicou sua vida à carreira jurídica, era casado com Dirce Doroti Merlin Cleve e pai de quatro filhos, amigo e grande incentivador da educação, e por isso eternizado ao ter seu nome cedido ao auditório Cordeiro Clève.

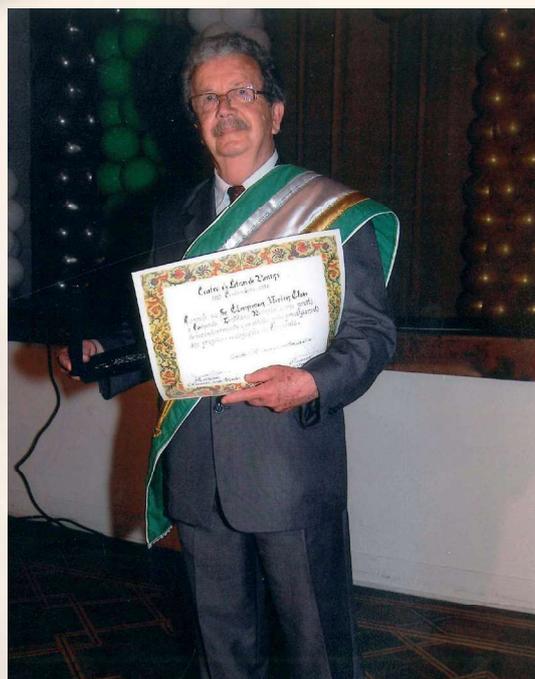
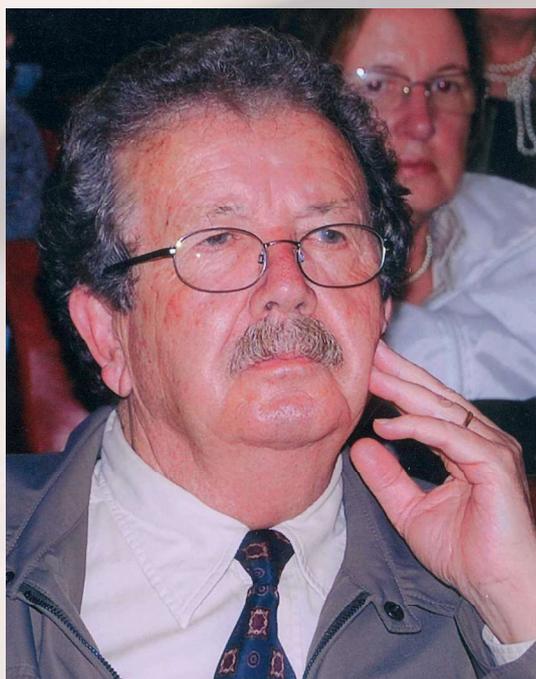
Depoimentos

A professora Dirce Doroti Merlin Clève, sua esposa, amiga e companheira por décadas, e mãe de seus quatro filhos, declarou sobre o Dr. Jeorling:

Sério, correto, humano e sensível, admirador do Direito, dedicou-se à profissão escolhida com grande confiança. Reconhecido como um juiz completo e mais completo ainda por gostar de ser juiz. Sentiu-se plenamente realizado e tranquilo nesses anos todo, trabalhando no que gostava. Dedicou-se à família e à magistratura, o que não lhe constituiu um sacrifício, pois o Direito não foi apenas uma profissão, assim como seus filhos, que receberam orientações sobre o respeito aos valores, princípios, à boa leitura. Aposentado, Jeorling ainda preencheu seu tempo com a escrita, ocupando-se de temas relevantes que resultaram em diversas obras.

Dona Dirce registrou, ainda, a seguinte mensagem de Rubem Alves, que poderia ter sido escrita especialmente para o Dr. Jeorling e sua vida:

***“Plantei árvores, tive filhos,
escrevi livros, tenho muitos amigos e,
sobretudo, gosto de brincar.
Que mais posso desejar?”***



O dr. Jeorling Joely Cordeiro Clève, meu querido pai, não traiu a herança que recebeu. De formação moral rígida, de modo discreto mas sempre firme, trilhou o caminho que, uma vez considerados os ideais dos seus, planejou para si. Levou a sério a advertência dos sábios: não te procures fora de ti mesmo. Afinal, o caráter escreve o destino. Ou como dizem Beaumont e Fletcher (Epílogo a fortuna do homem honesto), sintetizando sabedoria milenar, “O homem é sua própria estrela: e a alma que pode / Tornar um homem honesto e perfeito, / Comanda toda luz, toda influência, todo destino; Nada lhe acontece cedo ou tarde demais”.

O menino alegre dos campos e lagoas da sempre amada Guarapuava, habitante do velho casarão colonial próximo à atual Praça Clève, cedo deixou os amigos do terceiro planalto para dedicar-se à manufatura do futuro na então distante capital. O poema de Hilda Hilst ilustra o sentimento: “Tive uma rua clara e a vontade gentil de descobrir o mar. / E se o ombro apenas começava um movimento rítmico de asa / Eu era navegante e navegava. / Que te alegres de mim. / Entardeci possuído de infância”. Em Curitiba concluiu o Clássico, alcançando, mais tarde, ingressar na prestigiosa Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, uma das melhores do país e onde, muitos anos depois, na condição de professor titular, veria um de seus filhos.

Entre a formação militar (CPOR) e a acadêmica (concluiu o Curso de Direito em 1957), trabalhou para o serviço público estadual. Formado, retornou para o centro-oeste, designadamente para a não menos amada cidade de Pitanga, já comprometido com aquela jovem estudante de Letras com ascendência alemã e italiana, futura professora de língua portuguesa e literatura, que escolhera para companheira e mãe dos quatro filhos que haveria de ter.

Aprovado brilhantemente em concurso público, abraçou a magistratura com disposição. Juiz Substituto em várias Comarcas, foi titular em Piraí do Sul, Ivaiporã e, claro, Guarapuava. Planejou sua carreira de tal modo que pudesse passar pela cidade onde nasceu. Ali reviu os amigos de infância, fez outros tantos, honrou a magistratura e distribuiu justiça.

Sua passagem por Guarapuava, ainda hoje, passados muitos anos, é recordada com saudade por jurisdicionados e advogados. Sério, correto, sensível ao drama das partes e à fragilidade da condição humana, sempre esteve a dedicar-se inteiramente à profissão. Apenas a família alcançava sucesso na disputa com o tempo dedicado à arte e missão de ser juiz. À parte isso, como Drummond, sempre esteve a carregar nos ombros o sentimento do mundo e, então, “como o presente é tão grande”, observa o poeta, insistia o Desembargador com a família: “não nos afastemos / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

Tratou-se, portanto, de um juiz integral. Um magistrado feliz pelo fato de ser juiz. Alguém plenamente realizado absolutamente sereno e convicto quanto ao acerto da decisão que o levou ao Judiciário. Fez o que gostava, sabia que fazia o que gostava, e por isso encarava a atividade como algo além de simples trabalho. Labor e lazer a um tempo. Foi algo que o fez ser exatamente o que foi. Uma dimensão conformadora de sua identidade. Não dividiu, por isso, sua vida em apartados tempos opostos e incomunicáveis de concentração e relaxamento. A sua existência, afinal, confundiu-se com o que fazia. E portanto, foi o que sempre quis ser, um magistrado. Não conseguia ser parcial nem com os mais próximos. Mesmo nos embates tão comuns entre familiares e amigos, sendo chamado a opinar, fazia questão de mostrar outros ângulos, perspectivas ou leituras possíveis.

Escolheu duas dimensões da vida para desfrutar de modo mais profundo, intenso e pleno. A família e a magistratura. Às duas dedicou a sua existência. Quanto à família, especialmente os filhos, mas não só eles, pretendeu transmitir valores, princípios e o amor pelo país e sua gente. A considerar a trajetória de cada um, é certo que alcançou verdadeiro êxito.

Clèmerson Merlin Clève, seu filho.

(trecho extraído de discurso proferido no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, em 26 de maio de 1999, por ocasião da posse do Desembargador Cordeiro Clève.)

Um historiador rigoroso de alma doce

O Desembargador Jeoling Cordeiro Clève foi eleito para a Academia Paranaense de Letras em 26 de agosto de 2010, poucos dias depois de completar 78 anos, como novo ocupante da Cadeira nº 23, sucedendo Túlio Vargas – como ele, também um historiador de porte nascido no interior paranaense. Meses depois, foi recebido na nossa instituição em solenidade no Instituto dos Advogados do Paraná, com saudação de René Ariel Dotti.

Dr. Jeoling, em pouco mais de dez anos de convívio acadêmico, demonstrou toda a generosidade de seu caráter. Foi um ativo combatente das soluções negociadas, graças à longa experiência adquirida nos fóruns e nos tribunais. Uma doce alma com quem tive o privilégio de conviver. Desde logo, entendeu que a Academia é ela e suas circunstâncias, parafraseando Ortega y Gasset.

Foi a partir de sua entrada na APL que passei e ter contato com sua obra. Li grande parte do que escreveu: a biografia de seu bisavô, o Coronel Daniel Clève, a brilhante e fidedigna

narrativa do povoamento de Guarapuava, o levantamento histórico sobre a emancipação paranaense a partir do Judiciário, o perfil do Visconde de Guarapuava e, por fim, as coletâneas de pensamentos, lições privilegiadas de sabedoria.

O último evento da Academia a que compareceu foi a minha posse na presidência, em março de 2017, no auditório da OAB/PR. É muito significativo que, quase cinco anos mais tarde, seu filho Clèmerson tenha escolhido o mesmo local para tomar posse na Cadeira nº 3 da Academia, na sucessão de René Ariel Dotti.

Na casa da advocacia convergem as figuras imortais de Jeoling Cordeiro Clève e René Dotti para encontrar Clèmerson Merlin Clève, recepcionado pelo acadêmico Ney José de Freitas – todos detentores de sólida reputação no universo jurídico. Uma noite memorável.

Ernani Buchmann
Advogado, jornalista, escritor, presidente da Academia Paranaense de Letras.



Perder o Desembargador Jeorling Joely Cordeiro Clève, membro da Academia Paranaense de Letras, me faz lembrar uma frase de autor incerto: “Quando morre um intelectual é como se uma biblioteca incendiasse”.

José Pio Martins,
seu confrade na Academia.

Falar do Prof. Jeorling pareceu-me uma tarefa fácil diante de tanta admiração que tenho pela sua história de vida e luta, mas... sendo sincero, a honrosa tarefa mostrou-se mais difícil do que o esperado, justamente por causa da sua vasta e densa biografia... Como falar pouco de quem muito fez? Como resumir em poucas palavras tanta admiração e reverência a quem me é referência? Pois é, realmente, como já ensinou o profeta Khalil Gibran, “as emoções são pássaros presos em gaiolas de palavras”. Mas, numa tentativa vã, confesso, de mostrar o oceano a partir de uma gota de mar, lembrei-me do seguinte ensinamento de Bertolt Brecht que, para mim, é a completa definição do Prof. Jeorling: “Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.” Pois é, este era e é o Prof. Jeorling, imprescindível! Vai-se o homem físico, fica o homem moral nas suas obras, nos exemplos, na biografia! Sim, ele continua vivo no seu legado de professor, de escritor, de pensador, de sonhador, de realizador,

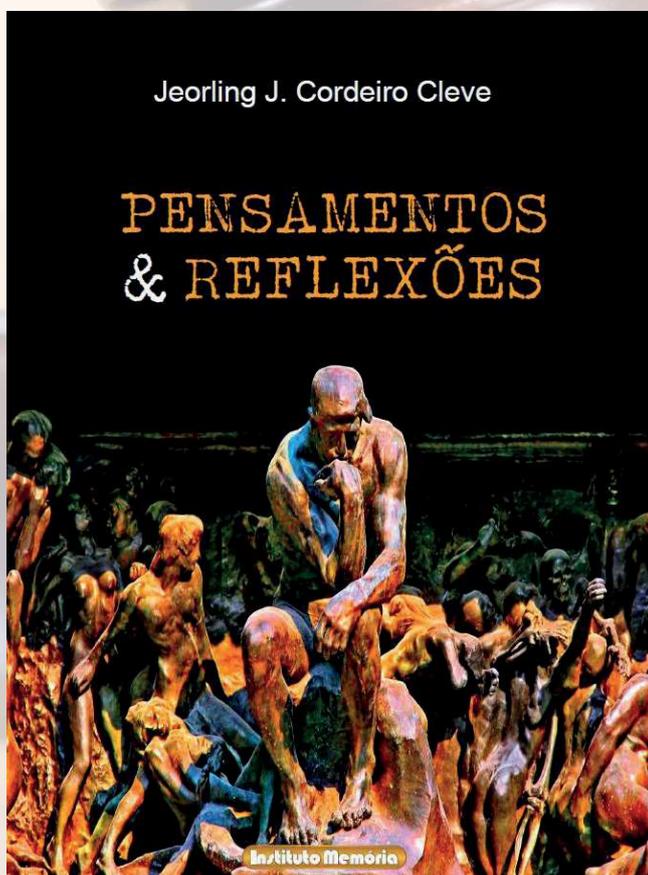
de humanista. Continua nos ensinando e orientando nos exemplos deixados de integridade moral, de caráter, de honra! Sim, ele continua imprescindível e, nestes tempos moralmente obscuros, seu legado toma proporções ainda maiores de essencialidade.

Aristóteles afirmava que a dignidade não consiste em possuir honrarias, porém em merecê-las! O Prof. Jeorling J. Cordeiro Clève é uma destas pessoas que dignificou a própria homenagem, pois seu rastro existencial o faz maior do que qualquer tentativa, justa porém incompleta, de homenageá-lo! Todas as homenagens que fizermos serão insuficientes diante de um ser humano com a biografia e as virtudes do Prof. Jeorling, pessoa simples que nunca fez nada para ser reconhecido e homenageado, tamanha era sua envergadura intelectual e moral. Fez o que acreditava ser importante ser feito! Lutou a boa luta e manteve a fé, principalmente nos homens e na vida!

Tive a honra de ser seu confrade no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, e de ser seu editor aqui no Instituto Memória. Honra, orgulho, alegria e privilégio!

Para terminar, não a homenagem, pois, enquanto discípulo que sou, todas as minhas ações serão para homenageá-lo; cada obra publicada, cada palestra proferida, cada texto escrito será uma forma de agradecer o muito que fez por mim, por nós! Uma forma de continuar a sua luta por um mundo mais justo e digno, para todos! Pois bem, para terminar essas insuficientes porém justas palavras, cito aqui o nosso herói inspirador, o Fidalgo Cavaleiro Errante Dom Quixote: “Mudar o mundo meu amigo Sancho não é loucura, não é utopia, é justiça!”. Pois é, meu estimado mestre e querido amigo, “É JUSTIÇA!”, e foi por justiça que o senhor lutou a vida toda, toda a vida! Luta que agora continuaremos em sua memória. Obrigado! Graças ao amigo aprendi e acreditei que todos, cada um de nós, podemos transformar o mundo, um livro, uma atitude de cada vez! Lutemos, pois!

Anthony Leahy
Editor do Instituto Memória Editora
Centro de Estudos da Contemporaneidade.



O Desembargador Jeorling Cordeiro Clève foi um magistrado admirável. Enquanto Desembargador no Tribunal de Justiça do Paraná, proferiu decisões judiciais importantes em diversas áreas, mas me influenciou muito sua contribuição na minha área de predileção, o Direito Tributário. Deixou um legado de importantes decisões mas, principalmente, transmitiu-nos um exemplo de ser humano reto e de conduta moral inquestionável.

Guardo com carinho o dia em que me brindou com um exemplar de seu belo livro 'Pensamentos de todos os tempos: lições de sabedoria', vol. 3, publicado pela Artes & Textos. Aliás, certamente nele poderia ter registrado um de seus próprios pensamentos, que marcou profundamente a minha memória: 'Juiz não dá entrevista, juiz dá sentença'. Essa frase retrata a postura que para mim todo magistrado deve ter: restringir suas manifestações aos autos, sem precisar buscar os holofotes. Apesar de aposentado há algum tempo (desde 2002), o Desembargador Cordeiro Clève é daquelas pessoas que sua presença e autoridade moral fazia-se sentir pela marca que deixou na sua atuação como magistrado. Sentiremos sua falta, mas guardaremos suas lições.

*Octavio Fischer,
Desembargador.*

Auditório Cordeiro Clève

